

# O Brasil precisa de educação democrática

» ARTUR MARQUES DA SILVA FILHO

Desembargador aposentado do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo e presidente da Associação dos Funcionários Públicos do Estado de São Paulo

No transcurso dos 200 anos da Independência, 133 da Proclamação da República e 34 da promulgação da Constituição de 1988, marcos de nossa autonomia como nação e afirmação de nossa democracia, já é tempo de avançarmos em termos de amadurecimento político. Polarização extremada, truculência verbal, intolerância e fake news, como se observa de modo crescente há algum tempo, provocam tensões sociais e pressionam as instituições.

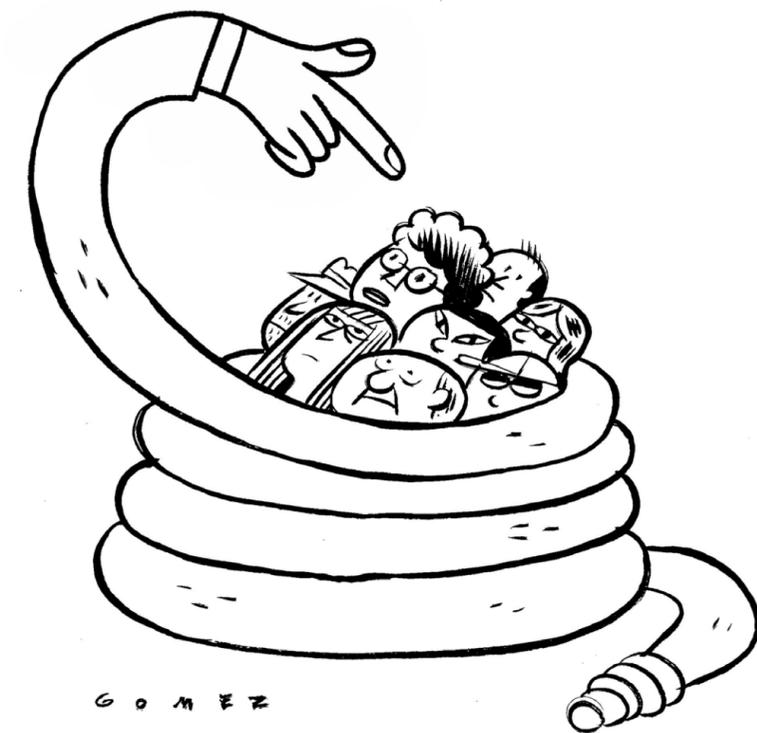
A cada eleição, como a que se aproxima, não podemos ter a desconfortável sensação de ruptura. Partidos, ocupantes de cargos eletivos e candidatos, assim como seus adeptos e eleitores, não podem portar-se como se fossem inimigos. A rigor, são adversários, na legítima disputa pelo poder e de cujo debate devem brotar e se desenvolver ideias capazes de solucionar os problemas nacionais.

Infelizmente, desvirtua-se no país a relação entre os partidos, os poderes da República, as autoridades e as pessoas de diferentes ideologias. Há excessivo patrulhamento, tom de ameaças, acusações e bravatas nem sempre verdadeiras e substituição da lucidez por ignorância. Tais mazelas refletem-se na campanha eleitoral, prejudicando a clareza dos discursos e o entendimento das plataformas programáticas dos distintos candidatos.

Tal clima é contrário ao que o Brasil precisa. Há imensos desafios a serem enfrentados pelos governadores, deputados federais e estaduais, senadores e presidente da República a serem eleitos em outubro. Precisamos vencer a estagnação econômica, retomar o crescimento, recuperar os milhões de empregos perdidos na pandemia, debelar a ameaça inflacionária, modernizar a infraestrutura, melhorar a saúde pública e qualificar mais a educação universal gratuita.

O que cada candidato propõe concretamente para o atendimento a essas demandas prioritárias? Ninguém sabe, pois os espaços que têm na imprensa, nas mídias sociais e nos debates é desperdiçado pela retórica vazia, acusações mútuas e verborragia. Poucos têm acesso aos programas de governo de cada postulante. Além disso, a truculência verbal eclipsa as proposições e acaba monopolizando as atenções.

Outro questionamento cabível refere-se à ausência de consultas dos partidos e candidatos aos organismos das máquinas



administrativas dos estados, União e seus respectivos legislativos. Desperdiça-se, assim, a preciosa contribuição que poderia ser agregada pelo funcionalismo público de carreira. Esses servidores têm comprovada experiência e conhecimento, podendo dar boas e consistentes sugestões para a formulação de políticas públicas eficazes.

Precisamos avançar na construção dos programas de governo, ter mais serenidade nos debates e consciência do alto significado do exercício da política. O Estado de Direito e o processo eleitoral devem ser respeitados incondicionalmente por todos. É inadmissível qualquer casuismo que conspira contra as decisões e escolhas soberanas dos eleitores expressas na verdade das urnas.

A democracia é a maior conquista de um povo. Precisamos respeitá-la e fortalecer as

instituições. Seu maior momento é marcado justamente pelas eleições, nas quais os cidadãos elegem aqueles que exercerão o poder político em seu nome. Por isso, são fundamentais propostas claras, menos agressividade e mais urbanidade, para que as pessoas possam entender e escolher os programas que mais atendem às suas expectativas, anseios e perfil ideológico. O país necessita de uma educação democrática, principiando pelos próprios candidatos.

Tal postura de consciência cabe a todos, a começar pelas autoridades e candidatos, que devem dar um exemplo de civismo e respeito às instituições. A perenidade e o fortalecimento da democracia, que nos alinham às nações mais progressistas e avançadas, são fatores condicionantes à viabilização de um Brasil mais desenvolvido e feliz.

## Quando vamos cuidar do ar que respiramos?

» LEONARDO COZAC DE OLIVEIRA NETO  
Engenheiro civil e de segurança do trabalho

Embora seja fundamental para a sobrevivência humana, o ar não tem recebido a devida atenção por boa parte da sociedade, que nem mesmo se importa com a qualidade daquilo que está respirando. Ainda que as pessoas tenham a plena consciência da existência da poluição do ar, elas, infelizmente, acabam não se atentando para a importância de tomar medidas efetivas para reverter o quadro.

Paralelamente, não existe, no nosso país, a adoção de alertas e recomendações de especialistas ou do setor público, de modo a propor uma discussão construtiva para uma sociedade com mais saúde e qualidade de vida. Para quem está principalmente nas grandes cidades, a bela cor avermelhada que surge nos céus a cada fim de tarde é reflexo direto do acúmulo de gases e de material particulado em excesso na atmosfera, causando o espalhamento dos raios solares no momento do pôr do sol.

Recente publicação da Organização Mundial da Saúde revela que quase toda a população global (99%) respira ar que excede os limites de qualidade estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS), prejudicando grandemente a saúde. Para ter uma ideia, nós consumimos cerca de 10 mil litros de ar por dia.

Atualmente, mais de 6 mil cidades em 117 países monitoram a qualidade do ar, mas as pessoas que vivem nelas ainda respiram níveis insalubres de partículas finas e dióxido de nitrogênio. As pessoas de países de baixa e média renda sofrem as maiores exposições. Esse problema não é exclusivo das regiões urbanas. As áreas rurais também sofrem muito com a baixa qualidade do ar

proveniente principalmente de queimadas e da agricultura, como ocorre durante processos de colheita de grãos.

Posto isso, o que nós, seres humanos, estamos fazendo para nos proteger da poluição do ar? Em primeiro lugar, o foco nas discussões ambientais e de saúde devem se ater à redução das principais fontes poluentes, como emissões veiculares e industriais. Portanto, devemos nos concentrar em eliminar a causa-raiz do problema. Porém, são medidas de médio e longo prazos. Afinal, mudar estilos de vida e matriz energética e reorganizar as cidades são processos que demoram anos ou décadas.

Sem vencer estas etapas, o efeito das recomendações oficiais, dadas por médicos epidemiologistas, ou pelas autoridades sanitárias, é mínimo para não dizer nulo. Conheço alguns profissionais que atuam, por exemplo, em agências ambientais, e sei que são pessoas sérias, mas fico imaginando por que há essa falta de uma orientação mais adequada.

Pesquisas científicas, com a participação do médico Paulo Saldiva, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, mostraram que um inverno seco como o atual gera impactos na qualidade do ar e na saúde dos paulistanos que moram na região urbana da capital. É como se cada pessoa consumisse quatro cigarros diariamente, chegando a 250 unidades durante a estação mais fria do ano.

Para reverter esse quadro, não basta somente recomendar o plantio de árvores, nem que as pessoas bebam água, usem hidratante, umidifiquem o ar. São boas sugestões, mas isso evidencia a ausência de recomendações eficazes para nos proteger da poluição do ar.

Soluções simples como o uso de máscaras boas em dias muito poluídos, fechamento de janelas ou utilização de purificadores de ar residenciais. Para os motoristas, atenção para a substituição dos filtros de ar de cabine dos veículos. Uma boa barreira de proteção de material particulado. Ideias mais eficazes precisam começar a ser discutidas imediatamente, como a adoção de sistemas de ventilação com filtros de ar nas casas, igual aos que já existem em cozinhas ou em banheiros. Só que ao invés de retirar o ar do ambiente, uma ventilação deve trazer o ar de fora limpo. Algo simples, mas com grande utilidade em períodos de frio.

Decerto, a pandemia da covid-19 reforçou ainda mais ao mundo o alerta sobre os graves impactos gerados, à saúde das pessoas, por um patógeno transmitido pelo ar, invisível a olho nu. Mesmo assim, houve tímidas ações em busca da melhoria do ar de ambientes internos para o grande público. Há, evidentemente, uma movimentação interessante da indústria automobilística, lançando veículos, ainda tops de linha, com sistemas de filtração, purificação e monitoramento da qualidade do ar, que futuramente poderão chegar a um maior número de consumidores.

Enfim, por toda essa realidade, é essencial que médicos, ambientalistas, arquitetos, agentes públicos e outros profissionais envolvidos com a qualidade do ar, externo ou interno, pensem (e repensem) como o ar que o ser humano respira interage com cada uma de suas atividades diárias. E que, finalmente, encontrem caminhos propositivos, com ações eficazes, que promovam uma verdadeira proteção da saúde da população.

## Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

## Espada na mão, venda nos olhos e o futuro do país

No Brasil, já se sabe, a radicalização política é uma forma de manter o status quo dentro de uma primícia antiga, na qual o atraso e subdesenvolvimento tornaram-se o único projeto de futuro. Um projeto, diga-se de passagem, comum a todos os protagonistas políticos, sejam eles de esquerda ou direita. Na realidade, dada a inconsistência do que vem a ser ideologia de esquerda ou de direita, qualquer matiz político tem servido como vestimenta ou fantasia temporária nas eleições.

Depois de eleito e empossado, essas tendências desaparecem da mesma forma como vieram: sem deixar rastros. Houvesse uma preocupação real por parte do Congresso em debater, preliminarmente, os programas de governo de cada candidato, verificando a plausibilidade de cada um diante da realidade nacional, outra seria a eleição. A publicação do **Correio Braziliense** de 26/08 sob o título “Ciro diz que Lula copiou sua proposta para reduzir endividamento” mostra que não há seriedade na elaboração da diretriz governamental.

Houvesse também, por parte da Justiça que porta a espada, uma peneira, capaz de filtrar e barrar aqueles postulantes maculados por crimes, outra seria a eleição. É essa incapacidade orgânica da justiça da venda nos olhos, de formalização legal de candidatos capazes de enfrentar os problemas nacionais, que está na origem da atual e tumultuada campanha eleitoral.

A entrega dos destinos do país nas mãos de uma quantidade enorme de partidos sem consistência e com a visão voltada apenas para o próprio umbigo, deu no deu. Persistir nesse caminho é aprovar o projeto a permanência desse nefasto e secular projeto de atraso. Há candidatos de sobra e cidadãos de menos. Da mesma forma há partidos demais e agremiações políticas de base popular e autêntica, de menos. Para situações extremadas como a vivida no presente, talvez caberiam soluções do mesmo porte.

Uma medida, capaz de pôr ordem no banzé eleitoral e que vem sendo defendida, não abertamente, mas no silêncio das confabulações racionais, é a de adiar, por mais um ano, as eleições, preparando o terreno e abrindo veredas para um novo e civilizado pleito, onde o instituto da reeleição seria banido, de vez. O mandato para presidente da República passaria de quatro para cinco anos.

O engugamento do número de legendas seria posto em prática. O instituto da ficha limpa mantido conforme o desenho feito pela população. O retorno da Lei da Improbidade Administrativa mantido conforme foi proposto em sua origem. A impressão física do voto implementada com a intenção de dirimir quaisquer dúvidas.

Com essas medidas apenas, a chanchada eleitoral cederia lugar à uma campanha moderna e de primeiro mundo. A partir dessas medidas essenciais, outras mudanças importantes para o país, viriam por inércia natural, como é o caso da reforma tributária, política e administrativa. Dizer que somente os gênios são capazes de enxergar o óbvio, não resolve a questão. A questão aqui é não ter medo de ousar e resolver de vez os problemas que afligem a população e não ficar buscando eternamente meios de resolver os problemas dos políticos e de suas legendas, dando-lhes, além de bilhões de reais, todos os meios possíveis para que apenas eles e seus grupos permaneçam como cidadãos de primeira classe.

A questão aqui é colocar a população na primeira classe, relegando o Estado o lugar que lhe cabe, que é o de servir ao povo e não servir-se do povo.

### » A frase que foi pronunciada

“Meu mal-estar originou-se da certeza, personalizada por Lula, de que o Brasil se condenou a vagar num cemitério abandonado de princípios e ideias.”

Mario Sabino

### Sem pé nem...

» Orlando Silva está preocupadíssimo com a segurança dos servidores da Justiça Eleitoral e mesários que vão trabalhar nas eleições. Pela Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados, ele prometeu enviar um ofício ao TSE atentando para a necessidade de garantir a segurança dos mesários. Segundo o deputado, ameaças físicas podem até colocar em xeque o resultado final das eleições. Temor que não faz o menor sentido. Durante o resultado final os mesários já estarão no aconchego do lar.

### Luz

» Foi uma verdadeira aula de pedagogia, filosofia, história e política o encontro no Plenário do Senado durante a homenagem ao Instituto Sathya Sai de Educação do Brasil (Isseb). Bem representado pelo senador Girão, o Ceará e seu povo foram assunto na sessão especial com a presença de diretores, coordenadores e alunos.

### 100 Dúvida

» Por falar em Paranoá, ontem a candidata ao Senado Damares estava em um palanque móvel com caixas de som. A ex-ministra atacada implacavelmente pela imprensa causou um reboliço na cidade. Virou o jogo e pelos projetos sociais conquistou o povo.

### » História de Brasília

Bueiros sem tampões em frente ao Clube Unidade de Vizinhança causaram vários desastres durante as festas de Carnaval. Uma moça quase quebra duas pernas. (Publicada em 09.03.1962)